

REDES SOCIAIS E RELAÇÕES DE PODER NA ENFERMAGEM: ESTUDO DE CASO EM UM HOSPITAL MUNICIPAL

*SOCIAL NETWORKS AND POWER RELATIONS:
A CASE STUDY IN A MUNICIPAL HOSPITAL*

Luciano Antonio Prates Junqueira¹, Mariana do Amaral Campos², Maria de Fátima da Silva³, Rosimar Pereira Barbosa⁴

RESUMO

A análise de redes sociais permite identificar as relações de poder entre profissionais em organizações. Com este instrumento estudamos a área de enfermagem em um hospital público municipal (HPM) na Grande São Paulo. A pesquisa descreve a configuração da rede social interna do HPM objetivando identificar as relações de poder entre os profissionais de enfermagem. Trata-se de estudo de caso com análises qualitativa e quantitativa realizada por meio de aplicação de questionário aos profissionais de enfermagem e utilização do software NodeXL. A metodologia permitiu-nos visualizar os relacionamentos entre os diversos atores respondentes e o tipo e a configuração da rede social. Os resultados apontam a existência de uma rede social descentralizada, voltada para as relações pessoais e profissionais, mas subdividida em *clusters*. Os respondentes percebem no nível hierárquico mais elevado da enfermagem o maior poder de influência na gestão da área e do hospital em geral.

Descritores: rede social; enfermagem; poder (Psicologia); gestão hospitalar.

ABSTRACT

The social network analysis identifies the power relations between professionals in organizations. With this instrument we study the nursing area in a municipal public hospital (HPM) in São Paulo. The research describes the configuration of the internal social network of HPM and identifies the power relations among nursing professionals. It is a case study with qualitative and quantitative analysis carried out by means of a questionnaire to nurses and use of NodeXL software. The methodology allowed us to visualize the relationships between the various respondents actors and the type and configuration of the social network. The results show that there is a decentralized social network, focused on the personal and professional relationships, but subdivided into clusters. The respondents perceive the most senior level of nursing the most power of influence over the management of the area and the hospital in general.

Key-words: social networking; nursing; power (Psychology); hospital management.

INTRODUÇÃO

As redes sociais estruturam os campos de diversas dimensões das relações sociais. A partir dos anos 60 e fortemente na década de 80 demonstrou-se que os vínculos entre indivíduos, entidades e organizações estruturam as mais variadas situações sociais, influenciando o fluxo de bens materiais, ideias, informação, papéis sociais e relações de poder.^{1,2} Nessa perspectiva, o conceito de redes passou a ser adotado como ferramenta decisória para fins gerenciais “ao

identificar classes de entidades e relações que serão usadas no desenho organizacional, além de prover uma linguagem comum para falar sobre e representar informações organizacionais.³

Por meio das redes sociais, as organizações identificam as entidades e relações, possibilitando o reconhecimento de uma série de atributos úteis aos diagnósticos e instrumento de apoio às decisões nas mais diversas áreas. No entanto, não basta a identificação dos elos de conexão ou dos níveis de proximidade existentes entre os atores que compõem a rede. O fundamental para a interpretação é identificar a capacidade da rede em influenciar estratégias e, assim, apresentar o fluxo de poder gerado e que nela transita.

Este artigo realiza uma análise das redes sociais em um hospital público municipal (HPM), objetivando identificar as relações de poder existentes no corpo da enfermagem. O texto organiza-se em seis partes: síntese da literatura sobre redes sociais nas organizações, o papel da enfermagem, as relações de poder na gestão hospitalar, o poder nas organizações, a metodologia da pesquisa e os resultados obtidos. As discussões sobre os resultados estão nas considerações finais.

As redes sociais na gestão hospitalar

As redes sociais têm como premissa que a vida é criada primeiramente a partir das relações e dos padrões formados por estas. O tema é recorrente nas ciências sociais por permitir o estudo das relações sociais, as interações e os fluxos de informação como processos de formação de rede, contribuindo com a teoria das organizações. Segundo Martes,⁴ “Tomar as redes sociais como foco é pressupor que as próprias organizações estejam imersas em outras organizações e redes. Tipos de imersão orientam a formação de interesse e tomada de decisões”.

Nesta perspectiva, Marin e Wellman⁵ definem a rede social como um conjunto de nós socialmente relevantes ligados por uma ou mais relações. Os nós, ou as redes de membros, são unidades conectadas por relações cujos padrões são estudados.

Neste sentido, Borgatti et al.⁶ identificam quatro tipos de categorias principais de relações: similaridades (ocorrem quando fazem trocas, apoiados em características demográficas comuns, atitudes, localização ou grupo); relações sociais (laços afetivos,

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 3, p. 148 - 158, 2015

1. Doutor em Saúde Pública pela USP, professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração da FEA/PUC-SP; coordenador do Núcleo de Estudos Avançados do Terceiro Setor-NEATS/PUCSP.

2. Mestre em Administração pela PUC-SP, graduada em Administração de Empresas com ênfase em Comércio Exterior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professora da Rede de Ensino do Estado de São Paulo (Ensino Médio).

3. Doutoranda em Administração PUC-SP - Pesquisa - Saúde Pública.

4. Mestranda em Administração PUC-SP, bolsista pela CAPES.

Recebido em 21/8/2015. Aceito para publicação em 28/8/2015.

Contato: mfatimasillva@gmail.com

amizades, consciência cognitiva); interações (comportamentos baseados em laços, como falar com determinada pessoa, ajudar ou convidar certas pessoas para ir a sua casa) e fluxos (baseado em trocas e transferências entre os nós da rede).

O conceito de rede vem de diferentes campos de estudo sob a forma de rede de empresas, de políticas, de movimentos sociais, dentre outros, e sua expansão dá-se justamente pela multiplicidade de fatores atuando simultaneamente, conformando uma nova realidade social. Com a mesma multifuncionalidade, o conceito de rede é tratado de forma diversa nas diferentes áreas do conhecimento.

No âmbito das ciências sociais a rede é uma ordem espontânea que emerge do resultado das interações descentralizadas entre indivíduos e/ou organizações; significa sistema de grupos humanos ou organizações que mantêm contato por meio de um ou mais de um tipo de relações, compartilhando informações, interesses e objetivos comuns.⁷

No mesmo sentido, Castells⁸ aborda a:

[...] rede como um conjunto de nós interconectados. O nó é o ponto no qual uma curva se encontra. Concretamente, o que um nó é, depende do tipo de redes concretas de que está sendo analisada. Assim, as redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, abertando novos nós desde que se comuniquem dentro da rede, ou seja, na medida em que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho (p. 498).

Além de estruturas abertas e ilimitadas, Castells⁸ observa que os componentes da rede podem ser tanto como autônomos quanto dependentes em relação à rede, e o desempenho desta dependerá de dois de seus atributos fundamentais: a conectividade (capacidade de facilitar a comunicação sem ruídos) e a coerência (à medida que há interesses compartilhados, os objetivos da rede e de seus componentes).

Conectividade e interconexão entre indivíduos, seus agrupamentos e comunicação merecem ênfase para se compreender a inserção social e a distribuição do poder na rede - ao atuar nesta trama, cada indivíduo estabelece vínculos com outros e a intersecção de seus interesses é amálgama suficiente para identificá-los não apenas como grupos, mas, sim, como uma rede social.⁸

Para Pinto e Junqueira,³ citando Hanneman, essas redes são constituídas de pessoas, pois elas é que são capazes de conectar e criar vínculos e isto não ocorre do mesmo modo com as instituições. A topologia, a qualidade e intensidade destas ligações são os principais fatores de acoplamento entre cada ator e a rede como um todo, na consecução dos objetivos individuais e do grupo e no exercício de ser poder.

Na mesma linha teórica Junqueira⁹ assinala que as redes sociais influenciam as mais variadas situações, como compartilhamento de valores, objetivos de desempenho, entre outros aspectos, e são definidas como “um conjunto de pessoas e organizações que se relacionam para responder às demandas e às necessidades de um determinado grupo de maneira integrada, respeitando o saber e a autonomia de cada membro”.

Já para Marteleto,¹⁰ as redes representam “[...] um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. No entanto, nas pesquisas realizadas por Granovetter¹¹ evidencia-se a perspectiva sociológica que as redes integram os atores em seus contextos relacionais e possibilitam o acesso a oportunidades existentes na estrutura social e

econômica. E Martes¹² enfatiza que Granovetter¹³ impulsionou o estudo sobre as redes sociais nos últimos anos.

Para Granovetter *et al.*¹¹ as redes se definem como um:

[...] conjunto de nós ou atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos. Um laço ou relação entre dois atores tem força [*strength*] e conteúdo. O conteúdo inclui informação, conselho ou amizade, interesses compartilhados ou pertencimentos e, tipicamente, algum nível de *confiança*.

A análise de redes vem ganhando cada vez mais a atenção, especialmente nas linhas de pesquisas organizacionais, nas quais as premissas se dão a partir da influência das redes sociais na mudança de comportamento de indivíduos e grupos e também pela utilização de redes como forma de compartilhamento de conhecimento organizacional e nos processos decisórios. No geral, as abordagens apresentadas são complementares e as representações gráficas geram novos *insights*, reflexões e ideias sobre as redes sociais e suas arquiteturas e configurações, além das diversas possibilidades.

As redes sociais desempenham um papel importante na articulação do poder e na busca do compromisso com mudanças e processos decisórios; lideram processos de expansão e adaptação do modelo ao contexto organizacional. Nascem como fruto da vontade daqueles que a compõem, em decorrência da descentralização das competências e do poder de decisão, além de intensificarem a articulação entre os atores participantes.

O papel da enfermagem e as relações de poder na gestão hospitalar

A história dos hospitais no mundo muda significativamente após a Segunda Guerra Mundial. Antes, vistos mais pela natureza assistencialista ou religiosa, após a Segunda Guerra adquirem características de universalidade, enfatizando o conhecimento técnico.

Ao longo do tempo, as relações entre profissionais e pacientes deixam de ser apenas caritativas, incorporando crescentemente a objetividade de obter a cura. Se de um lado há ganho com a superação do aspecto caritativo, de outro, o cuidado, o acolhimento do indivíduo corre o risco de ficar em um segundo plano. Há muitos planos de atuação na organização hospitalar, entre eles, as atividades e responsabilidades de médicos e profissionais de enfermagem.

Segundo Ferreira,¹⁴ aos médicos competem o diagnóstico e a prescrição de tratamentos, o aspecto técnico é um critério de valorização da profissão. A enfermagem compete o cuidado e a atenção ao paciente.

Em 1959, na Inglaterra, Florence Nightingale fundou a primeira escola de enfermagem do mundo, permitindo que a atividade vá se transformando crescentemente em saber especializado, ocupação assalariada para a demanda de mão-de-obra especializada nos hospitais.

A expansão da esfera de atuação profissional pode dar margem à ampliação do poder na organização. A dificuldade na implantação de novas propostas de gestão hospitalar é causada em parte pela existência de expressiva autonomia da prática médica e das relações de dominação dos médicos sobre as demais corporações profissionais: o corpo médico vê a enfermagem e o corpo administrativo como “fornecedores” de insumos para seu trabalho e de fato, o trabalho da enfermagem lhe é subordinado. Porém, ou por isso mesmo, os profissionais da enfermagem constituem grupo autônomo na execução das tarefas relativamente à administração do hospital.¹⁵

Neste contexto é possível identificar a influência e o poder exercido uns sobre outros. “Além da compreensão de relações entre organizações que resultam em uma rede como estrutura de governança, a teoria de redes permite compreender as relações entre atores coletivos e individuais em um espaço amplo de atuação, mapeando seus movimentos, suas ações, o poder que cada ator exerce e os efeitos que produzem sobre os demais e sobre o território onde acontecem as relações em rede. (...) o ambiente é formado por um conjunto de relações que se constituem em uma rede de trocas, o que não significa ausência de conflitos ou de disputas por poder. Uma rede não é algo dado, mas em constante construção, o que permite aos atores construir redes alternativas que possibilitem maior autonomia”.¹⁶

Como a enfermagem é um grupo autônomo que assume também a parte relacional dentro dos hospitais, pensar o contexto organizacional do trabalho da enfermagem nestas instituições pressupõe pensar uma intensa rede relacional. Esse grupo se articula a partir do exercício de poder e dos múltiplos atores envolvidos no interior das instituições de saúde.

Segundo Lunardi *et al.*¹⁷ falar em exercício de poder em perspectiva relacional significa considerar uma multiplicidade de pontos de resistência, uma vez que “uma relação de poder necessita ser entendida como uma ação não sobre os outros, mas uma ação sobre a ação dos outros, sejam reais ou possíveis”, pois, sendo sujeitos que conhecem bem as especificidades do ambiente em que desenvolvem suas ações, relacionam-se com os demais profissionais e interagem nos conflitos e tensões ocasionados pelo poder instituído no interior das instituições hospitalares, podendo recorrer a diferentes estratégias e mecanismos ao administrar as relações no cotidiano de trabalho.

Para Lopes e Baldi:¹⁶

As redes, assim como outras formas estruturais, resultam de pressões ambientais e da ação humana, elas podem ser formas de transformação da realidade organizacional e social - deslocando o poder do centro para a periferia e recolocando a dimensão política como dimensão central - e também formas de reproduzir a ordem estabelecida, dando ares de modernidade, de flexibilidade, de eficiência, de justificação técnica para interesses de grupos nas disputas de poder (p. 1029).

Para interpretar as relações de poder na enfermagem, resgatamos o conceito de poder sob ópticas complementares, “sociedade da disciplina” e “espaço público genuíno”, desenvolvidos por Arendt¹⁹ e Foucault,²¹ respectivamente.

O poder na gestão hospitalar

A perspectiva de Foucault¹⁸ compreende o poder não como dominação ou violência ou como algo massacrante ou negativo; não desenvolve uma teoria por argumentar que o poder aparece de diferentes formas no curso da história, contribui para a discussão sobre o mesmo ao colocar em cena uma forma de pensá-lo não como coisa, mas como prática, destacando sua positividade. Desvincula, assim, a repressão do poder e enfatiza seu aspecto produtor, ou seja:

[...] parece que a noção de repressão é totalmente inadequada para dar conta do que existe justamente de produtor no poder. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer 'não', você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz 'não', mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-

se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (p. 7-8).

A genealogia do poder proposta por Foucault¹⁸ não é a preocupação com a construção de um novo conceito, mas sim a análise do poder como prática social, historicamente constituída, e as distintas formas que é exercido na sociedade. Assim, ao invés de se preocupar em responder o que é poder, argumenta ser mais importante questionar:

[...] quais são, em sem seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, os diversos mecanismos de poder que se exercem a níveis diferentes da sociedade, em domínios e com extensões tão variados? [...] a análise do poder ou dos poderes pode ser, de uma maneira ou de outra, deduzida da economia? (p.174).

As relações de poder penetram na realidade mais concreta dos indivíduos e, conseqüentemente, em suas práticas cotidianas. Assim, Foucault¹⁸ propõe a ideia de “microfísica do poder”, na qual trata de um poder, “[...] que correria ao longo de toda a rede social, agiria em cada um de seus pontos, e terminaria não sendo mais percebido como poder de alguns sobre alguns, mas como reação imediata de todos em relação a cada um”.

A discussão sobre o poder serviu como pano de fundo para Foucault¹⁸ argumentar que uma sociedade sem relações de poder é uma abstração. Segundo Foucault,²¹ a estrutura social é permeada por múltiplas relações de poder que não estão circunscritas somente em um ponto particular, como um aparelho de Estado, mas compõem todo o corpo social.

O poder na perspectiva foucaultiana:

[...] não pode ser usufruído como domínio: ele é múltiplo, multifocal, instintivo e anônimo, articulando-se como uma rede de relações de alto a baixo, mas também, em certo ponto, de baixo para cima e lateralmente, essa rede 'sustenta' o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados (p. 148).

Diante do exposto, é possível dizer que o poder na sociedade disciplinar é transitório, e de acordo como a própria afirmação de Foucault,¹⁸ que a “organização piramidal do poder lhe dá um 'chefe’”, percebe-se que não menos lógico é sua afirmativa de que “é o aparelho inteiro que produz 'poder' e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo”. A forma como o poder transita pela sociedade e como as práticas sociais são marcadas por relações de poder permite inferir o poder como possibilidade de luta e resistência; torna possível pensar nas inúmeras probabilidades do poder ser vislumbrado como uma capacidade de construção, de luta e de ressignificação das relações sociais.

Arendt¹⁹ define poder a partir de suas formas de manifestação. Em proximidade com a perspectiva foucaultiana, ao criticar a tradição teórica que concebe o poder como campo de dominação, tendo a violência como maior alavanca do poder, para autora, essa visão que enaltece o poder como autoridade e obediência, amplamente presente no pensamento ocidental, reforça a convicção de que o tema político nevrálgico é a preocupação com a questão de quem domina quem. Em suas palavras: [...] deve ser admitido que é particularmente tentador pensar o poder em termos de comando e obediência e, assim, equacionar poder e violência (p. 38). Daí propor outra leitura que retorna à tradição do pensamento político greco-romano que baseia o conceito de poder na perspectiva do consentimento e não mais na violência, pois, embora fosse utilizado termo

termo como obediência, trata-se de obediência às leis e não aos homens, significando, portanto, o “apoio às leis para as quais os cidadãos haviam dado o seu consentimento” (p. 34).

O poder na obra de Arendt¹⁹ indica uma relação de consentimento, tendo o apoio do povo como principal sustentáculo da manutenção das instituições e da própria existência das leis. O conceito arendtiano de poder tem como principal embasamento a relação de consentimento, estando ainda, vinculado ao “momento fundacional” de uma comunidade. Compreende-se, assim, que a forma extrema de poder é “todos contra um”, a forma extrema da violência é o “um contra todos” (p. 35).

Na definição de poder proposta por Arendt¹⁹ a autora ressalta quatro aspectos: o poder refere-se a um fenômeno do campo da ação humana, portanto, não é uma estrutura e nem equivale ao monopólio de determinados recursos; é um fenômeno que se situa na esfera da “ação coletiva”; o poder emerge no coletivo, no momento de formação de um dado grupo e esvanece-se quando se dispersam, e “estar no poder” significa “estar autorizado” pelo grupo a falar em seu nome, pois quando afirmamos que um indivíduo está “no poder”, queremos dizer que este indivíduo se encontra “investido de poder, por certo número de pessoas, para atuar em seu nome” (p. 24).

Pode-se concluir que para Hannah Arendt¹⁹ (p. 28), “o poder é originado sempre que um grupo de pessoas se reúne e age de comum acordo”. Estabelece-se, assim, a relação entre poder e ação, remetendo ao entendimento que o poder é algo que precisa ser permanentemente recriado e exercitado por meio da ação conjunta, gerando mais poder legítimo. Com isso, entende-se que a geração do poder não é um trabalho, mas a consequência da ação conjunta dos homens, refletindo um campo da ação coletiva, dissociando, assim, da conexão comando e obediência; jamais é propriedade de um indivíduo só, pertence a um grupo e se mantém enquanto o grupo existir, desaparecendo quando ele se desintegra, o que reforça, segundo a autora, que o poder não precisa de justificação, mas de legitimidade.

Ao analisar as concepções de Foucault²¹ e Arendt²⁰ sobre poder sob a óptica das redes sociais, entende-se que a partir do momento que são consideradas relações estáveis, de natureza não hierárquica e independente, não há como existir um ponto de poder dominador. Daí a importância das colocações de Foucault²¹ aqui explicitadas, que levam à reflexão do poder não mais como poder de alguns sobre alguns, mas como reação imediata de todos em relação a cada um. Nesta perspectiva, a principal diferença apontada nos estudos de redes sociais, em relação a estudos organizacionais, em relação à hierarquia, é que as relações que formam as redes sociais conseguem se estabelecer sem a necessidade de uma hierarquia rígida ou nenhuma.

Nas redes sociais há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. Atualmente o trabalho informal em rede é uma forma de organização humana presente em nossa vida cotidiana e nos mais diferentes níveis de estrutura das instituições modernas.¹⁰

No estudo de redes sociais a relação entre um indivíduo e outro dentro da rede, sendo analisada apenas pelo par que formam, é insuficiente, uma vez que para que de fato ocorra, a compreensão daquela relação é necessário verificar esse par em relação aos outros pares que também compõem a rede. A posição estrutural de um par tem efeito sobre a sua forma, conteúdo e função.

A percepção de poder de Arendt²⁰ demonstra que a ideia de poder não pode existir isoladamente também, mas a partir da reunião de um grupo de pessoas que agem de comum acordo.

Na análise da estrutura de redes uma maneira de se conceber a ideia de poder é por meio da medição da “centralidade”, justamente da centralidade que um determinado indivíduo possui nas relações demonstradas.

Calcular a centralidade significa identificar a posição em que ele se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede. Embora não se trate de uma posição fixa, hierarquicamente determinada, a centralidade em uma rede traz consigo uma ideia de poder. Quanto mais central é um indivíduo, melhor posicionado ele está em relação às trocas e à comunicação, o que aumenta o seu poder na rede.¹⁰

METODOLOGIA

A pesquisa é um estudo de caso com instrumentos qualitativos e quantitativos para verificar a análise de redes sociais em um hospital público municipal (HPM), identificando as relações de poder existentes no corpo da enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares).

Primeiramente, foi realizado o levantamento de dados por meio de questionários - questões fechadas e abertas - verificando o perfil dos profissionais e das relações e, logo após, utilizou-se o aplicativo NodelXL para estruturação e análise dos dados quantitativos obtidos por meio da aplicação do questionário, permitindo, assim, a qualificação da rede social formada no hospital por intermédio do setor de enfermagem do HMCO.

O questionário para levantamento dos dados foi aplicado entre os meses de outubro e novembro de 2010, com os 346 profissionais ativos - enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, com retorno espontâneo de 18%. O questionário foi enviado por *e-mail* e continha quatro perguntas abertas e seis fechadas com objetivo de testar a premissa da existência de uma rede social no setor de enfermagem e assim identificar suas características.

A pesquisa qualitativa não possui como pressuposto a generalização de seus resultados e, portanto, estes são válidos somente para o hospital em estudo no contexto espaço-temporal e limites de qualquer outra natureza em que o trabalho foi desenvolvido e os dados coletados. Esses limites são determinados pela dinâmica que caracteriza a organização como fenômeno social que representa.

Na qualificação da rede foi utilizado o aplicativo NODELXL, ferramenta fundamental que identificou, primeiramente, a existência da rede, quais são os pontos de conexão (indivíduos conectados) que se destacam dentro desta, como estão conectados em subgrupos e o padrão de rede estabelecida. A visualização gráfica auxilia na percepção das variáveis, as métricas geram dados quantitativos para caracterizar os elementos gráficos.

A ferramenta escolhida para o trabalho (NODELXL) é um aplicativo ou “ADD - IN” para o *software* de planilhas eletrônicas Microsoft Excel, baseado em código aberto. O aplicativo provê uma série de métricas e opções de visualização de uma rede social, sendo estruturado para receber todas as informações necessárias para representar graficamente uma rede. A partir da coleta e tabulação dos dados foram calculadas as métricas e demonstradas as representações gráficas necessárias para o teste das hipóteses e possíveis novas descobertas. A ferramenta possibilitou a visualização dos relacionamentos entre os elementos estudados, destacando o tipo e a configuração da rede social analisada. Para apresentação dos resultados as métricas foram calculadas e os dados quantitativos utilizados

na demonstração de cada um dos gráficos, de maneira que as informações fossem destacadas a partir da visualização gráfica. Por meio do aplicativo NodleXL calcularam-se as seguintes métricas (Quadro 1).

As métricas são fundamentais na análise conjunta dos resultados da pesquisa por possibilitar identificar e configurar a rede social analisada no HPM, seus padrões e peculiaridades. As informações serviram de base para direcionar as análises, a partir dos objetivos e premissas propostas na pesquisa.

Quadro 1. Métricas para análise da rede social - NodleXL

Métricas	Descrição
Densidade Rede	É a medida de quantas conexões há na rede pelo número de "pontos de conexão" (representação da conexão de um mesmo indivíduo a outros). Aponta se é uma rede distribuída ou centralizada.
Grau de Centralidade	É o número de conexões de um indivíduo. O resultado diz quem são os indivíduos mais conectados da rede.
Grau de Intermediação	É quanto um indivíduo está conectado em relação a outros indivíduos. O resultado aponta a existência de indivíduos isolados dos demais, ou indivíduos demasiadamente conectados e as possíveis simulações da modificação da rede a partir da saída de um ou mais indivíduos.
Grau de proximidade	É quão perto um indivíduo está de outro indivíduo. Este resultado informa quantos indivíduos são necessários percorrer na rede para atingir outro indivíduo dentro da mesma rede.
Grau de popularidade	É quanto um indivíduo está conectado a indivíduos mais conectados. Mostrará se um indivíduo está conectado a indivíduos muito conectados, ou seja, se um indivíduo está conectado a indivíduos com muitas conexões ele é um ponto popular.
Clusterização	É quanto os indivíduos vizinhos estão conectados entre eles. Este resultado verifica se os indivíduos conectados a ele também estão conectados entre si.

Fonte: Nodexl.codeplex.²²

RESULTADOS DA PESQUISA

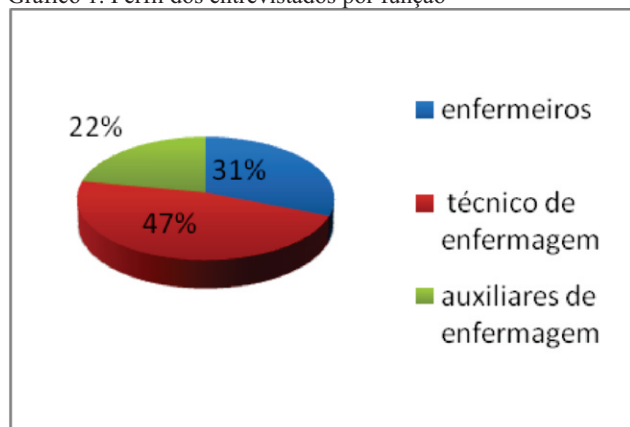
Para a verificação da existência da rede no interior do HPM foram analisadas as relações a partir das seguintes premissas: a) entender a rede de cada profissional e o motivo pelo qual ele mantém essa rede e, b) identificar sob o ponto de vista do ator pertencente à rede quem exerce maior poder de influência na gestão do hospital.

Perfil dos profissionais entrevistados

Os 62 respondentes da pesquisa representam 18% do universo pesquisado e 38% dos participantes da rede. Destes, 47% possuem função de técnico em enfermagem, 31% de enfermeiros e 22% de auxiliares de enfermagem (gráfico 1). A maioria é do gênero feminino (92%) e ganha até R\$ 1.020,00 (gráfico 2).

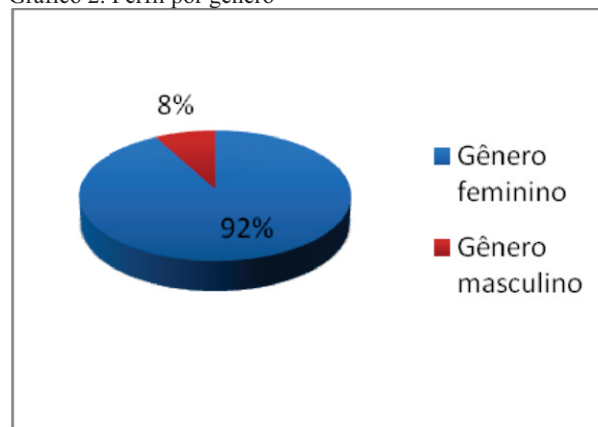
Em relação ao tempo de casa, 34% têm de um a três anos e 23% de cinco a sete anos e a metade dos profissionais trabalham em outro hospital. Em termos de educação formal a maioria tem entre segundo grau incompleto e completo e 26% dos que possuem terceiro grau completo são pós-graduados.

Gráfico 1. Perfil dos entrevistados por função



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2. Perfil por gênero



Fonte: Elaboração própria

A rede de relacionamento

A escolha por uma análise quantitativa a partir da utilização do aplicativo NODEXL foi voltada para apoiar na qualificação da rede quanto às dimensões centralidade, capacidade de mediação, popularidade dos indivíduos, formação de *clusters* e proximidade, além dos papéis que esta cumpre, objetivando testar os pressupostos estabelecidos para a pesquisa. Quanto ao pressuposto de que a enfermagem do HPM se relaciona com todos os grupos de profissionais do hospital, o estudo demonstra uma miopia dos participantes na percepção das pessoas dentro do HPM. Elas identificam quase tão somente os seus colegas próximos e desconhecem ou ignoram a possibilidade que as redes oferecem para trocas mais abrangentes de conhecimento, recursos ou mesmo de colaboração ou para a busca de interesses comuns que não apenas os de repasse de serviços ou amizade. É uma rede de formação típica direta, ou seja, com muitas relações unilaterais, formação de *clusters* e bastante distribuída.

As 62 pessoas pesquisadas citaram mais de 101 pessoas de relacionamento, transformando a rede em um total de 163 participantes, gerando 243 relações no total, distribuída em 15 *clusters*, sendo 11 deles ligados a pelo menos um outro por um dos seus membros. Outro fator interessante é que esta rede para se desfazer são necessários que, no mínimo, 86 membros sejam retirados dela, ou seja, praticamente a metade da rede seja desconectada. Mas, em contrapartida, pelo nível de densidade (0,009) bem abaixo do ideal (ideal = 1), identifica-se uma rede bastante distribuída. Existe conexão entre as pessoas dos *clusters*, entretanto, é preciso contatar em média cinco pessoas para alguém chegar a outra pessoa da rede, e no máximo onze pessoas conforme demonstrado na (Tabela 1).

Valendo-se da mesma análise e retornando ao conceito de micropoder de Foucault - aquele que se exerce em níveis variados e pontos distintos da rede social e que abrange a realidade mais concreta dos indivíduos, situando-se no interior do próprio corpo social, penetrando na vida cotidiana de cada um - identificamos um poder concentrado nas pequenas redes

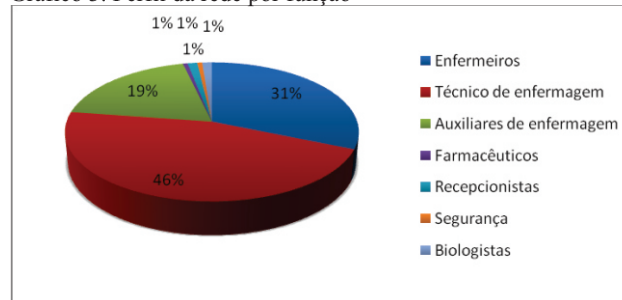
(*clusters*) e que pode ser visualizado a partir das onze pessoas-chaves desses *clusters* que fazem esse elo com os demais. Dessas pessoas, destaca-se o profissional Carlos que possui o maior grau de intermediação no relacionamento de modo geral com os participantes da rede. Este participante possui bom grau de intermediação na rede, pois é, de fato, quem se relaciona com o maior número de pessoas e, caso seja retirado da rede, a distância máxima para alguém chegar a outro participante da rede passa a ser de dezessete pessoas, e a média 6,83, contra onze e cinco pessoas, respectivamente, com ele presente. Tal posição pode ser explicada pela função que o profissional exerce como supervisor de área, ou seja, ele faz a distribuição do trabalho diário; ele é responsável por conectar as ordens do superior imediato aos demais, além de ser citado também por colegas de trabalho hierarquicamente do mesmo nível que ele.

Mesmo com grande grau de intermediação na rede, não se pode afirmar que Carlos tenha alto grau de popularidade, pois ele se interliga ao maior número de grupos, mas não necessariamente com as pessoas mais populares de cada grupo. Com base nas métricas constatamos que essa é uma rede com característica de hierarquia (devido aos *clusters* e à distância que se tem que percorrer para chegar a outro indivíduo).

Sobre os motivos que levam as pessoas a se relacionarem, 48% afirma que é por motivos pessoais que variam da amizade à afinidade, proximidade no trabalho, dentre outros. O segundo mais citado é o motivo profissional, com 35% das citações. Dos demais motivos apontados destacam-se: troca de conhecimento 8%; colaboração 4% e hierarquia 3%. Importante ressaltar que 4% dos entrevistados não responderam esse item.

Ainda sobre a motivação da conexão, ao tomar como foco os *clusters*, percebe-se o mesmo comportamento. Há um único cluster que sai dessa tendência e aponta a colaboração como a maior motivação (44%). Este *cluster* é formado por pessoas da mesma equipe e é ligado a outros quatro *clusters* por meio do supervisor da equipe.

Gráfico 3. Perfil da rede por função



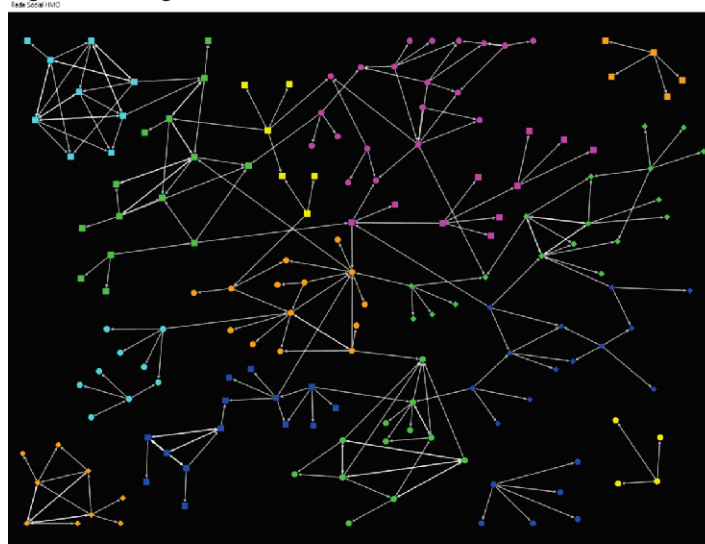
Fonte: Elaboração própria

Tabela 1. Métricas gerais da rede

Gráfico de métricas	Valor
Tipo de gráfico	Direto
Participantes da rede	163
Relações estabelecidas	243
Máxima distância para alcançar outra pessoa	11
Distância média para alcançar outra pessoa	5,501822
Densidade da rede	0,009202454

Fonte: Elaboração própria

Figura 1. Visão geral da rede

Tabela 2. Legenda de identificação dos *clusters*

Formato	Cor	Cluster
Diamante	Lima	G15
Diamante	Azul	G13
Diamante	Laranja	G14
Disco	Magenta	G4
Disco	Laranja	G2
Disco	Lima	G3
Disco	Azul	G6
Disco	Azul	G1
Disco	Amarelo	G5
Quadrado	Azul	G7
Quadrado	Lima	G9
Quadrado	Magenta	G10
Quadrado	Azul	G12
Quadrado	Amarelo	G11
Quadrado	Laranja	G8

Fonte: Elaboração própria

Figura 2. Visão da rede sem a figura do maior intermediador

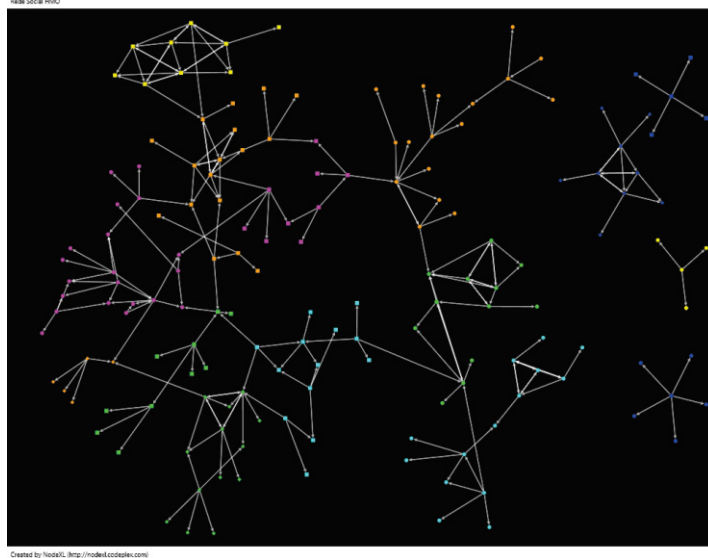
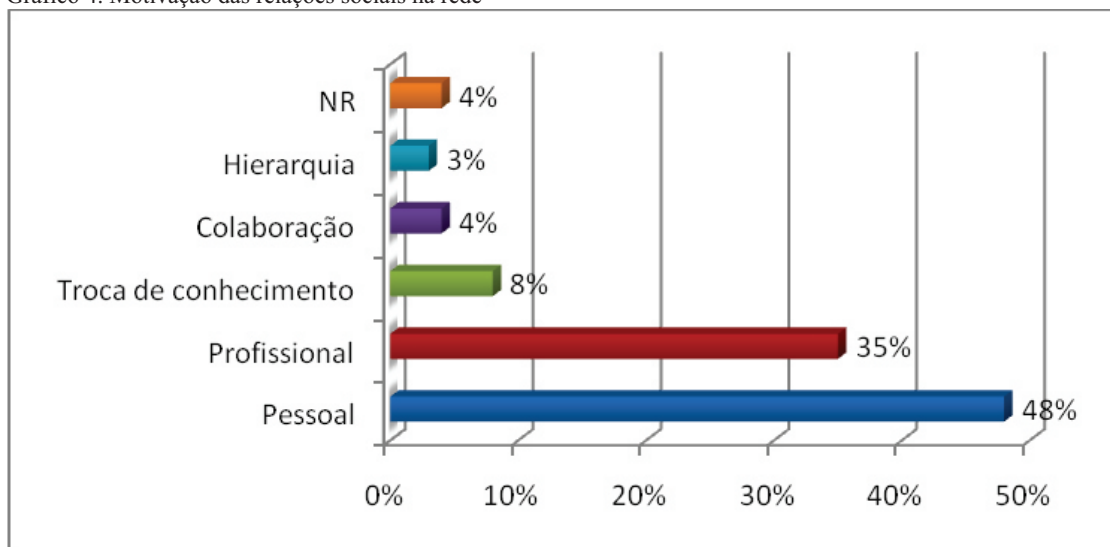


Gráfico 4. Motivação das relações sociais na rede



Fonte: Elaboração própria

Tabela 3. Relação entre os clusters

Cluster	Cluster conexão	Cluster	Cluster conexão	Cluster	Cluster conexão	Cluster	Cluster conexão
G1	G1	G5	G5	G9	G10	G12	G12
G2	G2	G6	G6	G10	G10	G12	G9
G2	G3	G6	G2	G10	G2	G13	G13
G2	G9	G7	G7	G10	G4	G13	G13
G3	G3	G7	G2	G10	G3	G13	G15
G4	G4	G7	G3	G11	G11	G14	G14
G4	G15	G7	G7	G11	G2	G15	G15
G4	G9	G8	G8	G11	G4	G15	G2
G4	G15	G9	G9	G11	G9		

Fonte: Elaboração própria

Grau de influência no Departamento e no HPM

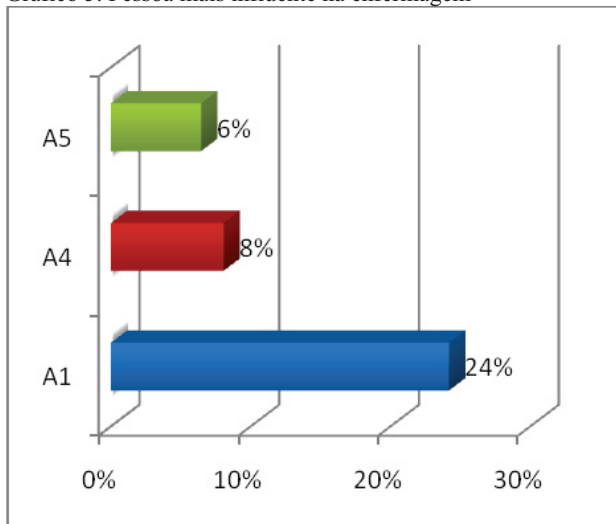
Tanto em relação ao grau de influência no Departamento de Enfermagem como em todo o hospital, os entrevistados identificam na Diretoria de Enfermagem os profissionais mais influentes no HPM, representado no gráfico por Regina. Respectivamente, 25% a consideram a mais influente no departamento e 48% no hospital como um todo. Desses, 25% que depositam na Diretoria de Enfermagem o poder de influência no departamento, apenas 13% é auxiliar de enfermagem, sendo os demais enfermeiros, coordenadores e supervisores.

Do contrário, ao identificar a mesma diretoria como o maior poder de influência no hospital como um todo, nota-se que a ação parte dos níveis hierárquicos mais baixos, especialmente da função de auxiliar de enfermagem.

Essa contradição é explicada quando analisados os motivos alegados para tais graus de influência e exercício de poder. Quanto ao poder no departamento, a hierarquia é levada em consideração por 53% dos profissionais, mas, em contrapartida, os demais 50% dividem as opiniões entre a capacidade de liderança, o profissionalismo e o conhecimento do profissional. Dos 73% desse grupo, identificam na Diretoria de Enfermagem o poder de influência no hospital e que esse poder advém apenas da posição hierárquica.

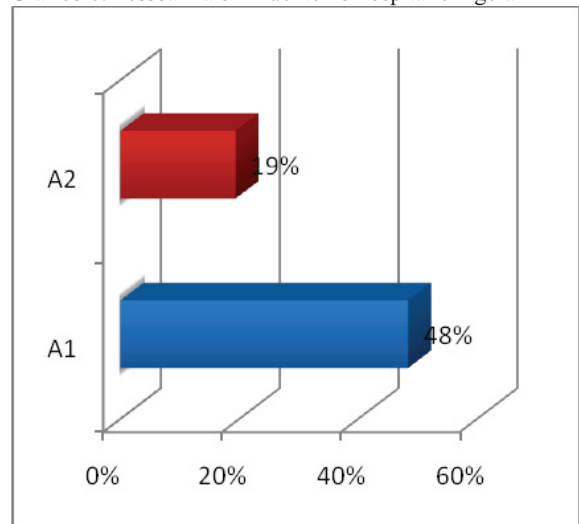
Também se pode observar um segundo profissional com maior grau de influência no hospital como um todo, o superintendente do hospital, posição ocupada por um médico. Para 19% dos entrevistados, ele exerce o maior poder devido à sua função, mas não o reconhecem por capacidade de liderança ou outra razão.

Gráfico 5. Pessoa mais influente na enfermagem



Fonte: Elaboração própria (2014)

Gráfico 6. Pessoa mais influente no hospital em geral



Fonte: Elaboração própria (2014)

Gráfico 7. Motivos do poder de influência de A1 na enfermagem

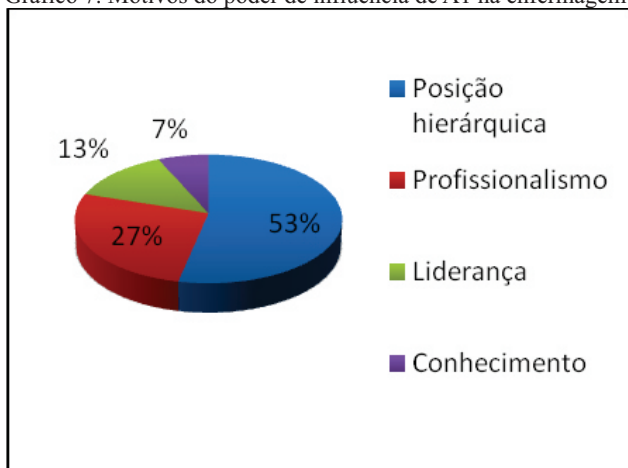


Gráfico 8. Motivos do poder de influência de A1 no hospital

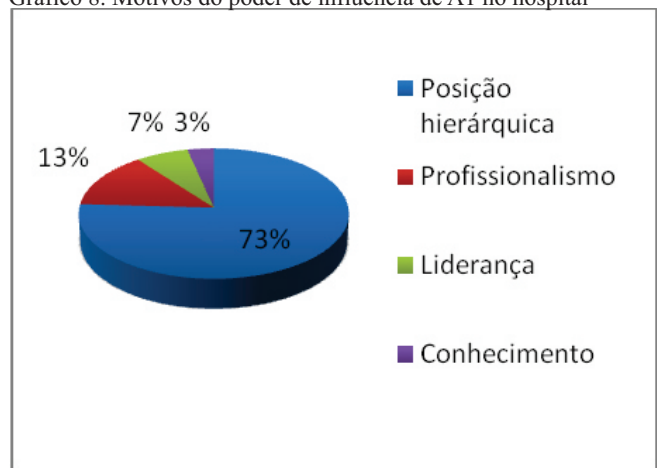


Figura 3. Visão do poder de influência de Regina na enfermagem

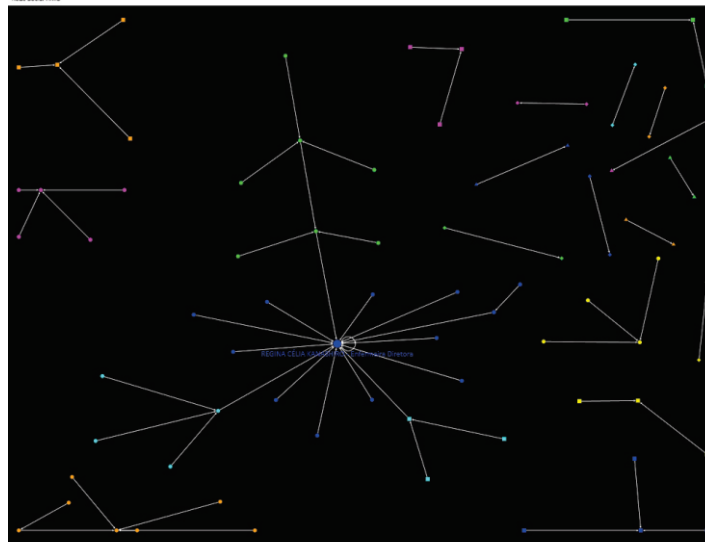
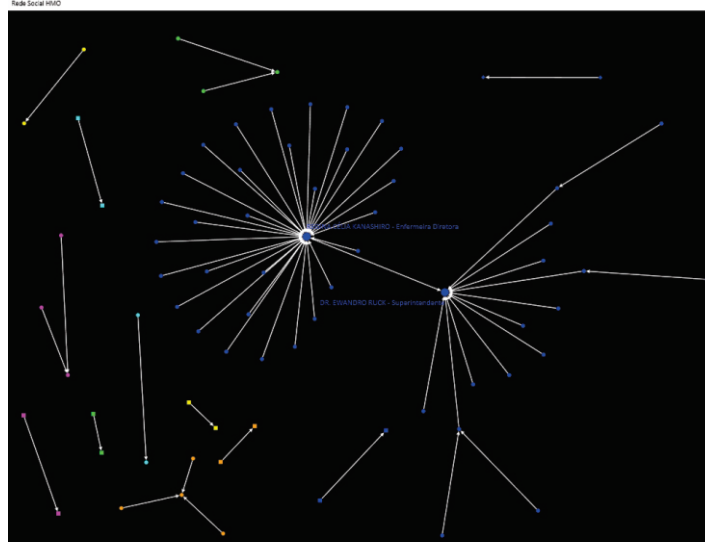


Figura 4. Visão do poder de influência de Regina e Dr. Evandro no HPM



CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou a existência de uma rede articulada a partir da equipe de enfermagem, porém, não são todas as premissas que puderam ser completamente confirmadas. A orientação do estudo por uma amostra a partir somente da enfermagem foi deliberada e pretendia-se, justamente, observar se existia essa rede entre os profissionais e a partir deles. Esse fator comprometeu a confirmação da premissa de que a enfermagem faz a mediação entre todos os grupos internos do hospital, mesmo que, além dos enfermeiros, tenham sido citados em mais de cinco grupos de atores internos, sendo: biólogos, farmacêuticos, administração, área da recepção e segurança. Todos esses grupos são parte da rotina diária de parte do corpo da enfermagem, porém, curioso notar que não houve uma citação sequer sobre médicos. Sessenta e duas pessoas responderam ao questionário, e o profissional médico não foi lembrado por nenhuma delas. É como se essa função não existisse no hospital. O que é demasiado contraditório porque o trabalho de enfermagem é pautado e ditado pelo médico.

As únicas citações do médico foram as do superintendente, mas como administrativo, visto que não exerce a função de médico no HPM, ou seja, não realiza plantões,

cirurgias, exames. O que não significa dizer que em virtude de uma urgência não possa ajudar com conhecimento e técnicas adquiridos em sua formação e experiência profissional. E, por final, a partir da não confirmação por completo do primeiro pressuposto, seria precipitação aceitar como verdade que o último (que a enfermagem determina a mediação das relações entre os diversos grupos) também se confirme. Verificou-se que esta rede se relaciona e foram citados outros cinco grupos no hospital, o que não engloba todas as funções ou a maioria delas. Mesmo com suas limitações, o estudo apresentado neste artigo oferece algumas questões que podem apoiar trabalhos futuros na área de análise de rede.

Outro grande aprendizado neste estudo refere-se ao uso das ferramentas quantitativas de análise de rede, instrumentos poderosos para apoio na análise, mas que, se forem utilizados, devem ser vistos como apoio para a análise qualitativa. Os dados oferecidos pelas ferramentas em si mesmos podem não oferecer significado relevante para o estudo se não houver análise das nuances que envolvem as relações, como comportamentos ou entendimentos diferenciados por interesses funcionais ou hierárquicos, dentre outros.

REFERÊNCIAS

1. Scott J, Carrington J, editores. *The Sage handbook of social network analysis*. London: SAGE; 2012.
2. Freeman LC. *The development of social network analysis: a study in the sociology of science*. Vancouver: Empirical Press; 2004.
3. Pinto AMG, Junqueira LAP. A análise de redes sociais como ferramenta de diagnóstico das relações de poder. *eGesta*. 2008;4(1):33-59.
4. Martes ACB, organizador. *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: Editora da UFSCAR; 2009.
5. Marin A, Wellman B. *Social network analysis: an introduction*. In: Scott J, Carrington J, editores. *The Sage handbook of social network analysis*. London: SAGE; 2012. p. 11-25.
6. Borgatti PS, Mehra A, Brass DJ, Labianca G. *Network analysis in the social sciences*. *Science*. 2009;323(5916):892-5.
7. Junqueira LAP. *Gestão social: organização, parceria e redes sociais*. In: Cançado AC, Silva Jr JT, Schommer PC, Rigo AS, organizadores. *Os desafios da formação em gestão social*. Palmas: Provisão; 2008. p. 87-96.
8. Castells M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra; 2001.
9. Granovetter MS. *Organizações sem fins lucrativos e redes sociais na gestão das políticas sociais*. In: Nogueira AM, organizador. *Gestão social, estratégias e parcerias: redescobrimo a essência da administração para o terceiro setor*. São Paulo: Saraiva; 2006. v. 1, p. 195-218.
10. Marteleto RM. *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. *Ciênc Inf*. 2001;30(1):71-81.
11. Granovetter MS, Castilla E, Hwang H. *Social networks in Silicon Valley, The Silicon Valley Edge*. In: Lee CM, Miller WF, Hancock MG, Rowen HS, editores. *Stanford*: Stanford University Press; 1998. p. 218-47.
12. Martes ACB, Bulgacov S, Nascimento MR. Fórum – redes sociais e interorganizacionais. *Rev Adm Empr*. 2006;46(3):10-5.
13. Granovetter MS. *A theoretical agenda for economic sociology* [Internet]. Stanford: Stanford University Press; 2000. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/4mk4g08q#page-4>.
14. Ferreira J. O programa de humanização da saúde: dilemas entre o relacional e o técnico. *Saúde Soc*. 2005;14(3):111-8.
15. Cecilio LO, Mendes TC. Propostas alternativas de gestão hospitalar e o protagonismo dos trabalhadores: por que as coisas nem sempre acontecem como os dirigentes desejam? *Saúde Soc*. 2004;13(2):39-55.
16. Lopes FD, Baldi M. *Redes como perspectivas de análise e como estrutura de governança: uma análise das diferentes contribuições*. *RAP*. 2009;43(5):1007-35.
17. Lunardi VL, Lunardi Filho WD, Silveira RS, Silva MR, Dei Svaldi JS, Bulhosa MS. *A ética na enfermagem e sua relação com poder e organização do trabalho*. *Rev Latino-Am Enferm*. 2007;15(3):493-7.
18. Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal; 1979.
19. Arendt H. *Poder e violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2001. p. 81-94.
20. Arendt H. *Between past and future*. New York: Penguin Books; 1985. p. 28.
21. Foucault M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes; 2005.
22. NodeXL Network Graphs [Internet]. Microsoft; 2006-2015. Disponível em: <http://nodexl.codeplex.com/documentation>.